O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 35 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$350	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 114

21 DE FEVEREIRO 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

D. ANTONIO ALVES MARTINS, BISPO DE VIZEU — Fallecido em 5 do corrente

(Segundo uma photographia de Henrique Nunes)

120

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, Gervasio Lobato — O Bispo de Vizeu, Antonio Ennes — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — Palacio do Governo de Moçambique, Augusto de Castilho — As Nossas Gravuras — Sapatos de Defuncto, Leite Bastos — Publicações.

GRAVURAS. — D. Antonio Alves Martins, Bispo de Vizeu — Exposição retrospectiva de arte ornamental, em Lisboa, Calix e Patena de prata dourada, pertencente ao museu da Ajuda — Africa Portugueza, palacio do governo de Moçambique — Exploração do Polo Arctico, o commandante tenente J. W. De Long, o engenheiro J. W. Melville, o piloto dos gelos W. Dumbar, o Yacht Jeannette preso entre o gelo — Salão de Quadros, Uma paisagem do Minho, quadro de Silva Porto — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Abrimos esta chronica, escripta em pleno carnaval, quando as mascaras guincham nas ruas, e as bisnasgas esguicham das janellas, com uma noticia profundamente triste, uma noticia da necrologia official, porque se trata d'um morto illustre e ao mesmo tempo de pungente sentimento pessoal porque se trata d'um homem de quem eramos companheiro e amigo sinceramente affeiçoado, a noticia da morte de João Ricardo Cordeiro.

Quando entrámos no mundo encontrámos João Ricardo Cordeiro no apogeu da sua gloria. O seu nome figurava ao lado dos auctores nomeados, as suas peças andavam nos cartazes de D. Maria e elle vivia n'esse mundo radiante dos bastidores, que nos deslumbrava então, na intimidade dos actores em voga, e das actrizes gloriosas, que nós viamos de longe, sem defeitos humanos, como as estatuas vistas cá de baixo, de lônge, erguidas no seu pedestal de celebridade.

N'esse tempo liamos o nome d'elle nos cartazes firmando peças que gozavam de reputação, a *Sociedade elegante*, o *Cura d'almas*. Manuela Rey, essa deslumbrante creança que illuminava todos os nossos sonhos de adolescente, com as irradiações da sua gloria, a fascinação dos seus cabellos louros, da sua formosura raphaelesca, do seu talento brilhante, era a protogonista dos seus dramas, e nós invejávamos esse homem que tinha por interprete das suas peças festejadas essa actriz adorada e adoravel, que vivia n'esse mundo de mulheres bonitas, e de homens celebres, que entreviamos pelas *portas vedadas ao publico* do theatro de D. Maria, como um sonho radiante, e irrealisavel.

E conheciamos Ricardo Cordeiro de o vermos apparecer todas as tardes, no Passeio Publico, com Manuel Roussado, que então era uma celebridade litteraria de Lisboa, com Ernesto Biester, o pobre Biester, que vivia então na sua edade d'ouro, avistavamol-o ás vezes de longe, na varanda do terceiro andar da casa de Emilia Adelaide, na rua Occidental do Passeio, de Emilia Adelaide que começava radiante de mocidade e de belleza petulante o seu reinado, e tinhamos por elle uma admiração sincera, enthusiastica, quasi inconsciente, como se tem aos quinze annos, por tudo que brilha, que irradia, que está em evidencia.

D'ahi a annos transpunhamos as taes portas vedadas ao publico, viamos as estatuas de perto, o deslumbramento do desconhecido esvaía-se, as grandes actrizes gloriosas appareciam-nos mulheres no camarim, o encanto quebrava-se e tratavamos por *você* os homens que até então tinhamos sempre tratado por *tu*.

Ricardo Cordeiro desapparecera já n'esse momento dos bastidores, o seu tempo de lucta passára, affastara-se cedo do combate, os do seu tempo começaram a decahir ante a evolução litteraria, e elle recolhera-se ao silencio quando os seus grandes interpretes se tinham recolhido ao tumulo.

Mais tarde encontramol-o no Ministerio do Reino, empregado zeloso e exemplarissimo, litterato de cavaco simplesmente, trazendo para apreciação do movimento litterario moderno, uma critica intelligente, mordaz por vezes, e quasi sempre intransigente com os novos.

Affastara-se da lucta, mas era ainda um homem de lettras, tinha por tudo que era arte e litteratura o enthusiasmo de um verdadeiro artista, defendia os seus ideaes com o calor de um interessado, com a energia d'um convicto, e amava essas pugnas d'escola, deliciava-se n'ellas, e apesar de não fazer já arte, era ainda e foi sempre um artista ardente e apaixonado.

Tinha um bello criterio e uma formosa intelligencia, era um conversador de primeira plana, d'uma amabilidade excessiva, d'uma delicadeza inquebrantavel mesmo no mais renhido das discussões.

Ha tres annos para cá andava apprehensivo, scismatico; já não era o mesmo Ricardo Cordeiro; fizéra uma transformação radical. O presentimento da morte proxima preoccupava-o muito, e dizia-o ás vezes.

Nós riamos muito com elle a esse respeito, mais para o animar do que por convicção, porque os seus sinistros presagios preoccupavam-nos tambem tristemente.

Ricardo Cordeiro era baixo, d'uma gordura um pouco balofa, d'uma apparencia de robustez que tinha um não sei que, transparente, de mentirosa.

De mais a mais, nos ultimos annos, na vida litteraria dera-lhe o enguiço.

Apesar do seu bello talento, das suas peças muito correctas, muito bem escriptas, muito escrupulosamente enredadas, Ricardo Cordeiro começou a ser extraordinariamente infeliz, nos theatros. As peças não lhe caiam mas não davam dinheiro, tinham uns *successos* d'estima, sempre acompanhados d'uma fatalidade qualquer.

N'uma d'ellas, morreu-lhe a Manuela Rey, *O cura d'almas*, n'outra quebrava a empreza, n'outra acontecia um desastre, uma desgraça, e os comicos e os emprezarios de theatros, que são a gente mais supersticiosa que ha no mundo, começaram a ter medo d'elle, de quem aliás eram muito amigos, das suas peças, que aliás eram muito bem feitas, e Ricardo Cordeiro principiou a ter a reputação de *guignon* no theatro.

Esse *guignon*, porém, quebrou-se ha pouco tempo, depois d'uma longa ausencia, quando elle voltou ao theatro, com uma peça anonyma, mas que era uma deliciosa comedia e teve um ruidoso *successo*: — os *Paraizos Conjugaes*.

Ha cousa de dois annos e meio Ricardo Cordeiro começou a queixar-se de doença já então caracterisada. Não eram as apprehensões vagas d'um scismatico.

Todos os dias, ás duas horas da tarde elle ia visitar-nos, á nossa repartição, de que é chefe Francisco Palha, um dos talentos mais brilhantes dos tempos aureos de Cordeiro, e que conservou sempre a sua forte pujança, sendo hoje, como era ha quinze ou vinte annos, um dos primeiros litteratos de Portugal, e o mais original e caracteristico de todos elles. Entre ambos havia velha e funda amizade.

Ricardo Cordeiro ia ali fazer todos os dias a sua visita; era certo ás 2 horas e nós chamavamos-lhe, o *vapôr do Barreiro*.

Um dia Ricardo Cordeiro faltou á hora. Ficara em casa doente. E d'alli em diante o *vapôr do Barreiro* nunca mais voltou, e ha dias, no fim d'um longo martyrio, a morte deu rasão aos seus e nossos tristes presentimentos. Ricardo Cordeiro tinha um nome laureado na litteratura portugueza e a imprensa fez o seu dever registrando em palavras sentidas a sua morte.

— O carnaval em que estamos não trouxe inteiramente nada de novo para a chronica. O mesmo carnaval de todos os annos, mascara de mais ou mascara de menos, a mesma semsaboria das ruas e dos bailes, o esguicho, e o *bem te conheço*, com mais ou menos prisões, mais ou menos grogs.

Festas particulares houve apenas uma notavel e essa princepesca, o baile do duque de Palmella, a que assistiram suas magestades, e que foi uma verdadeira festa fidalga.

— Os theatros fizeram o seu reportorio de carnaval: — o Gymnasio com a revista do anno original de Urbano de Castro, um dos humoristas de mais verve que ha hoje no jornalismo portuguez e que conseguiu dentro dos velhos moldes d'esse genero detestavel — a revista — fazer uma peça magnifica, em que a graça estoura a cada momento e o espirito irrompe torrencial desde a primeira á ultima scena.

— O theatro da Trindade apresentou uma zarzuela nova em dois actos *Romão & C.ª*, letra hespanhola de Mariano Pina Rodrigues, e musica de Rogel, musica deliciosa que lhe mereceu uma ovação e fez um successo verdadeiro.

N'esta zarzuela ha a notar um desempenho excepcional por parte de toda a companhia, sobresaindo Leoni no papel principal que é assombroso de boa graça comica.

— O theatro de D. Maria que tanto tem elevado a arte de representar entre nós, desmandou-se um pouco no carnaval, indo buscar ao theatro do Gymnasio uma peça do seu reportorio antigo, que já este anno andou sem *successo* algum pelos theatros de verão, e que teve ha oito os dez annos o seu momento de nomeada no Gymnasio, quando o genero a que ella pertence não era ainda conhecido em Lisboa pelas suas obras primas, como a *Niniche*, a *Botija*, o *Bébé*, o *Armario das Afflicções*.

O theatro de D. Maria nunca, e muito menos nas alturas artisticas a que o tem elevado a actual empresa, devia ir buscar aos reportorios gastos dos outros theatros, uma peça vista e revista como é a *Bola de Sabão*.

— E a respeito do theatro de D. Maria temos uma novidade: pediu a sua demissão de fiscal do governo junto do theatro, o nosso bom amigo o sr. dr. Emygdio Navarro, e foi nomeado para esse logar o sr. Sousa e Vasconcellos. A nomeação feita pelo sr. Thomaz Ribeiro não podia ser mais acertada. O sr. Sousa e Vasconcellos é um dos mais notaveis auctores dramaticos do nosso tempo, e bastava a importancia litteraria e historica do seu drama a — *Duqueza de Caminha*, para o collocar entre os nossos primeiros dramaturgos. É um escriptor de muito talento, de subida illustração, de elevado criterio, e ao mesmo tempo um caracter honestissimo, d'uma probidade inquebrantavel, que ha de prestar grandes serviços á litteratura dramatica portugueza no cargo para que foi nomeado.

— O espaço falta-nos, mas não fecharemos a nossa chronica sem registrar um acontecimento importante do parlamento portuguez.

Esse acontecimento foi o esplendido discurso pronunciado na sessão de 17 do corrente, na discussão da resposta ao discurso da corôa, pelo sr. Pinheiro Chagas.

Esse discurso, dos mais notaveis que se tem feito no nosso paiz, seria um acontecimento em qualquer parlamento, e muito mais o é no nosso, onde infelizmente tão poucas vezes a eloquencia politica se eleva áquellas radiosas alturas.

Esse discurso produziu em Lisboa, entre amigos e adversarios, profunda sensação, e tem tido justamente todas as honras d'um acontecimento; é por isso que o registramos, poupando-nos ao trabalho banal de estar a arregimentar adjectivos sonoros em torno do nome de Pinheiro Chagas, que é hoje uma das mais brilhantes glorias da nossa terra.

Gervasio Lobato.

O BISPO DE VIZEU

O fallecido bispo de Vizeu era um caracter forte, uma individualidade bem accentuada. No nosso tempo, mais do que nunca, os homens são producto do meio social, que se lhes impõe em nome dos interesses, da formidavel auctoridade de *toda a gente*, e até da polidez que prohibe a contradição; elle, porém, foi toda a vida o que exigiram que fosse as suas convicções, o seu modo de ver e sentir, o seu temperamento. Metteram-no no seminario e elle fugiu para os acampamentos, cingiram-no padre, e não o desviaram da vocação de revolucionario, sagraram-no prelado e o prelado foi um estadista liberal; deram-lhe as rendas de uma opulenta diocese, e ficou pobre; cercaram-no de pompas e grandezas, e não deixou de ser um homem do povo. A sua vigorosa personalidade impunha-se, não acceitava imposições.

Porque era forte, era franco, e quando a cortezia se lhe affigurava tibieza ou dissimulação, despensava-a por importuna. Fallava no paço com a alma á flor dos labios, e conta-se que até a igreja lhe ouviu palavras sinceras que não soavam exactamente com o crepitar do incenso no thuribulo. Uma vez foi a Roma. Roma subjuga os espiritos altivos com a auctoridade das tradições seculares, com a magestade do culto universal, e elle era padre. A cupula de Miguel Angelo cobria então uma assembléa pomposa e veneranda; alvejavam as cás do saber sobre a purpura das grandezas, e os crentes julgavam divisar a pomba do Espirito Santo roçando no vôo pelos frescos de Rophael. Era imponente, esmagador. Porém, quando essa assembléa, que dizia representar as crenças dos povos e a inspiração do céu, se prostrou humilde para divinisar o barro humano com a infallibilidade do infinito, o bispo de Vizeu ficou de pé, amparado pela energia da convicção, e a sua palavra sonora recusou a homenagem que o papa requeria para não repartir o que devia a Deus.

Mau sacerdote! dizem os phariseus, para quem a religião é exclusivamente o culto externo a tanto por prece e a tanto por sacramento, o christianismo é irreconciliavel inimigo da liberdade. Se elle foi mau, digam-no os pobres de Vizeu;

e os pobres são o Christo. Era mais prelado nos albergues da indigencia do que na cathedral faustuosa e em vez de andar com a mão erguida a esparzir orgulhos e bençãos, occultava-a para espalhar esmolas. No seu paço de Fontelho viveria sem sobresalto a humildade de fr. Bartholomeu dos Martyres. De quanto possuia quasi só reservava para si o prazer de o dar. A hora da morte lembrou-se unicamente da falta que havia de fazer aos pupillos da sua caridade. E elle o homem de severo espirito e maneiras rudes, que não deixava apoz si poder nem riqueza que pagasse as lagrimas derramadas sobre o seu cadaver, foi levado á sepultura nos braços do povo, e no cemiterio escurecido pelos crepes do anoitecer, os soluços da saudade entoavam um *Requiem* mais solemne e angustiado do que os soturnos cantos dos ecclesiasticos. Pois o povo não chora senão pelos bons.

Como para elle a religião era uma moral e não uma etiqueta, e pois que quem ama o proximo promove o bem da sociedade, o bispo de Vizeu saiu do templo, sem todavia, sair do sacerdocio.

O estadista que manda ensinar os ignorantes que allivia miserias desenvolvendo a riqueza publica, que sacia os que teem sede de justiça, que zela o culto do direito, acaso não servirá melhor a Deus do que o asceta que se macera na invisibilidade da penitencia, e o levita que se paralysa na ociosidade da oração? Que os padres sejam politicos não faz mal á egreja, nem á politica; o mais é que elles levem para a politica doutrinas e praticas com que já nem a egreja prospera. Ao prelado progressista não se pode arrogar esta censura. Sabia respeitar Deus na liberdade do pensamento e da consciencia humana, e relia a meudo em sua Biblia o *Dar a Cesar o que é de Cesar*. Mas, por outra parte das mãos do ministro nunca escorreu sangue nem prata para as vestes prelaticias, e a palavra, só na fórma rude, do homem publico nunca proclamou perseguições, odios, tyrannias, cruezas de razão do Estado e que affastassem a imagem paciente do Crucificado suspenso ao peito do bispo.

Feriu interesses, é certo, mas feriu-os desinteressadamente e sacrificando a popularidade ao dever. O movimento da opinião que o levou ao governo assimilhou-se ao das ondas que retiram da praia o que á praia arrojaram. Impoz-lhe uma missão ingrata sem lhe dar a força necessaria para triumphar das resistencias e dos protestos que o seu desempenho havia de suscitar. Foi muito superficial e muito acanhado nos seus intuitos. Reduzir as despezas publicas sem remover as poderosas causas da sua elevação, é um tratamento meramente symptomatico que faz soffrer o enfermo sem o curar. Mas porque não emprehendeu o bispo de Vizeu a cura radical? Porque não deu á denominação do seu partido um sentido lato e profundo? Porque nos governos representativos nenhum estadista, ainda que seja um genio, encontra só em si a força que requerem as reformas vitaes. Precisa que lh'a communique a nação ou que lh'a transmitta o rei, onde a realeza tenha auctoridade e prestigio. E no nosso paiz da indifferença e do egoismo ainda até hoje não houve desde 1852, uma corrente de opinião, um acto de consciencia publica, que armasse um partido ou um governo para commettimentos mais ousados e bellicosos do que cortar um canto de pão escasso, porém mal ganho, dos funccionarios publicos, ou fazer com que os agiotas e os empreiteiros só mettam nos coffres do Estado o braço até ao cotovello, em vez de o metterem até ao hombro.

O bispo de Vizeu não foi um estadista conspicuo. Não o teria sido ainda que possuisse qualidades eminentes, e quando nenhuma d'essas qualidades lhe faltasse, ter-lhe-ia faltado a occasião para a revellar. Foi, porém, um ministro honrado e austero, affeiçoado ás melhores praticas governativas e ás mais liberaes. Nos tempos que vão correndo, quasi não ha homem politico a quem se possa tocar mais levantado louvor. São pequenas todas as figuras da scena politica, porque tambem a scena é baixa; o que ainda se lhes pode exigir é que sejam aceiadas. Sobre a memoria do chefe do partido progressista não ha de pesar a accusação de ter contribuido para a perversão dos costumes politicos, nem para a degradação das intelligencias e das consciencias.

Sacerdote caridoso, estadista rigido e bem intencionado, amigo leal, não só foi util a sua existencia, senão que viveu mais para os outros do que para si. Teve a nobre e rara coragem de soffrer e de trabalhar. Engrandeceu-se sem baixezas, mandou sem orgulho, e a sua carreira tendo passado pelos mais altos cargos da egreja e do estado, acabou onde tinha começado, na pobreza. O unico capital que juntou foi a estima e o respeito que lhe tem rodeado a sepultura de sentidas homenagens que lhe hão de perpetuar o nome.

Antonio Ennes.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL EM LISBOA

V

Já em artigo anterior historiamos rapidamente o nascimento e intuitos da *Exposição* e o seu programma, e não devemos passar adeante sem dizer-mos alguma coisa sobre a maneira como foi levada a effeito.

A grande commissão, de que fallamos a pag. 187 do IV volume nomeou uma commissão executiva, e a ella e a alguns mais dos seus membros pertence a gloria da realisação d'este notavel emprehendimento, que veio pôr em evidencia uma coisa que nem toda a gente conhecia, de que ainda ha pouco se duvidava, e que hoje é um facto provado: o grande brilho e altura a que entre nós chegaram as artes decorativas nos seculos XV e XVI. Ainda no periodo de decadencia apparecem artefactos notabilissimos, e se muitos dos que foram expostos são fabricados fóra do paiz, o numero dos que são de producção genuinamente portugueza é assaz para revelar uma elaboração pujante e effectiva durante largo periodo da nossa actividade nacional. Nem era crivel que uma nação que levantava os monumentos de Santa Cruz de Coimbra, Batalha, Jeronymos de Belem, e tantos outros, em que apar de muitos artistas estrangeiros, trabalharam e luctaram os nacionaes, não estendesse o seu genio artistico, alem da pedra e da madeira.

Sabemos que havia em Lisboa mouros tapeceiros, brosladores lapidarios de D. Affonso V, muitos ourives a maior parte judeus, que apenas dominados parte da Africa e Asia, é rara a possessão onde se não encontrem entre os moradores artistas de varios generos; mas n'um paiz pequeno que em tempo de D. Affonso V, despendeu o ouro e prata das egrejas para a invasão de Castella, que foi saqueado, varias vezes por hespanhoes, inglezes e francezes, que soffreu os effeitos de um terremoto terrivel, que lhe destruiu grande parte das suas preciosidades de todo o genero, não é para admirar que as producções da arte tenham desapparecido.

VI

Entra a gente porem no palacio da *Exposição*, percorre, por mais devagar que seja, as suas sallas, e quando chega á ultima acha-se aturdido, cançado de espirito e de corpo, offegante entre tanta riqueza acumulada, desejando não sair d'ali, e não sabendo dizer, ao fim de algumas horas o que viu, o que mais e impressionou, porque não poude examinar nada e porque são necessarios muitos dias para attender com algum cuidado ás minimas coisas que se albergam em uma só salla.

E tudo isto reunido em poucos mezes! Que trabalho não tiveram estes homens! Que fadiga! que pressa! foi uma vertigem, foi um rodopio! Ora no Algarve, ora em Bragança, ora em Villa do Conde, ora em Guimarães, ora em Evora. Aqui reluctancia de um cabido, alem suspeitas de umas freiras, n'outra parte indifferença d'uma corporação, d'um particular; e foi necessario vencer as recusas, desfazer as duvidas, lenir os atritos, para ao cabo de tantos esforços nos apresentarem um conjuncto, que póde ter lacunas, pode apresentar irregularidades, defeitos se quizerem, mas attesta muita vontade e dedicação, e honra o paiz e os homens que o emprehenderam.

Nós não sabemos tirar o louvor a quem o merece, porisso o nome do sr. Delfim Guedes, que demais a mais ia sendo victima da sua dedicação, dos srs. Vilhena Barbosa, drs. Filippe Simões, Aragão, Sousa Viterbo, Fonseca, Monteiro, Basto, Fernando Palha, e outros que nos perdoarão a ommissão, merecem os nossos agradecimentos e os da nação, sentindo só que a amisade que a alguns tributamos nos prenda um pouco a penna.

Por fim o paiz, como succede quasi sempre, acabou, ainda que tarde, a comprehender o alcance d'este emprehendimento, e já depois de aberta a exposição se tem recebido alguns artigos.

Isto e a demora na impressão do catalogo, devida á pressa e data fatal com que a exposição foi aberta, deverão determinar de certo a procrastinação do seu encerramento, para uma época mais remota, afim de se poderem colher d'ella todos os resultados desejados e augurados.

VII

Entremeiando a historia com a descripção, vamos hoje patentear em gravura aos nossos leitores duas formosas peças.

Antes por conveniencia photographica, do que por conveniencia archeologica, Laurent copiou os dois objectos juntamente, sem reparar que cada um era de sua proveniencia differente. Por esse motivo preparada a gravura, antes da abertura da exposição, apresenta a mesma irregularidade.

O calix, que se pode ver na sala — G — vidraça XXIII, onde tem o n.º 5 — é de prata dourada. Mede de altura total $0^{m},355$. A base é larga, apresentando na projecção horisontal uma figura hexagonal cujas faces são quebradas por molduras salientes que lhe fazem affectar a forma proximamente circular. É muito ornada, de trabalho delicado de buril, tendo em cada painel certas figuras em baixo relevo, que com as do pé, que sobre ella se ergue, representam varias scenas do nascimento e paixão de Christo.

O pé é na sua solidez, bem como as janellas e portas das egrejas gothicas, coberto de ornatos d'este genero, que o tornam de uma leveza e graça bellissimas.

Sobre elle está a copa, á roda de cujo bordo se lê a seguinte inscripção: SALVTARIS ACIPIAM EN CALYCM. Inferiormente á legenda ha seis nichos, contendo cada um dois apostolos em baixo relevo. Pendem da sua parte inferior e dos intervalos dos nichos sendos tintinabulos.

O trabalho artistico é aprimorado e dos fins do XV seculo, principios do XVI, havendo pertencido ao convento de Christo de Thomar.

A patena (mesma vidraça n.º 27) é tambem de prata dourada, tendo no centro, em baixo relevo, a imagem de um santo, e na orla o letreiro AVE MARYA PRENA GRACYA DOMY. Tem no reverso a divisa da ordem de S. Domingos. O seu diametro é de $0^{m},21$. É trabalho do mesmo tempo do calix.

São da galeria da Ajuda estas duas peças, na qual se encontra tambem a famosa custodia dos Jeronymos [1] (mesma vidraça n.º 1), pertencendo como esta aos bens da corôa, e foram expostas com outros artigos por sua magestade el-rei o sr. D. Luiz.

(Continúa) *R.*

PALACIO DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE

Quem desembarca em Moçambique, na ponte caes que avança pelo mar dentro, descobre logo em frente um dos sitios mais apraziveis de toda a cidade, e decerto o mais frequentado nas tardes e noites calmosas.

Uma bonita praça ajardinada, tendo ao centro um elegante coreto, onde duas vezes por semana toca uma banda regimental, serve como que de vestibulo á ilha. Ao fundo ergue-se o vasto palacio, que serve de habitação dos governadores geraes, e á sua esquerda, mesmo sobre o porto, a alfandega. Esta praça apoia-se para a banda do porto sobre uma extensa muralha guarnecida de assentos de pedra.

O palacio dos governadores de Moçambique, conhecido vulgarmente pela denominação de palacio de S. Paulo, da invocação da capella que fica no seu extremo meridional, foi outr'ora um collegio de Jesuitas da invocação de S. Francisco Xavier. Durante o longo e util governo do esclarecido capitão general, Balthazar Manuel Pereira do Lago, que se estendeu desde 1765 até 1779, foi o collegio de S. Francisco Xavier dos Jesuitas, de todo reconstruido e ampliado, apropriando-se para residencia do capitão general e hospedagem dos vice-reis da India na sua passagem por Moçambique.

Diz-se vulgarmente que a nomeação d'aquelle benemerito varão, fôra um exilio politico, e assim o indica a sua correspondencia; porque em cinco annos successivos pediu a el-rei que o mandasse render, e offereceu para obter esta graça, todos os serviços feitos e os que ainda podesse fazer, fóra de Moçambique, em proveito da magestade. Nada poude porém conseguir, até que, desenganado e victima de tal persistencia, acabou seus dias. Depois que de todo perdeu a esperança de

[1] Vidè vol. III, pag. 187.